

Interacções e Deslocações em *Próspero morreu*, de Ana Luísa Amaral

Ana Paula Coutinho
Maria de Lurdes Sampaio

Nas páginas que se seguem reproduz-se uma sequência do “Poema em Acto” de Ana Luísa Amaral, *Próspero Morreu*, publicado em 2011 pela editora Caminho e um excerto do texto embrionário dessa primeira obra dramática da autora que remonta ao ano de 2006. Dedicada, à data da sua conclusão, a Paulo Eduardo de Carvalho, colega e amigo de longa data de Ana Luísa Amaral, a peça teve (como se diz na introdução a este volume) uma leitura encenada, que precedeu a sua edição em livro.

O projecto de encenação elaborado por Paulo Eduardo em colaboração com a autora ficaria por concretizar, mas a leitura encenada realizar-se-ia, sob a direcção de Nuno Carinhas, com leituras de Alexandra Moreira da Silva, Ana Gabriela Macedo, Ana Luísa Amaral, Ana Paula Coutinho, António Rui Reis, Daniel Macedo Pinto e Gonçalo Vilas Boas.

O cotejo que aqui se estabelece entre fragmentos da peça na sua fase inicial e sequências da versão final procura dar a ver aspectos de um processo poético que, devendo muito à inspiração ou a algo de inefável da ordem do inexplicável (como Paul Valéry reconhecerá num dos seus ensaios sobre a arte literária e sobre a importância do *fazer* poético), é também fruto de um exigente trabalho de aperfeiçoamento e de depuração. Entre a primeira versão e a última muitas outras versões se seguiriam, muitos caminhos *abandonados*, e que não cabe neste lugar apresentar. As amostras escolhidas tor-

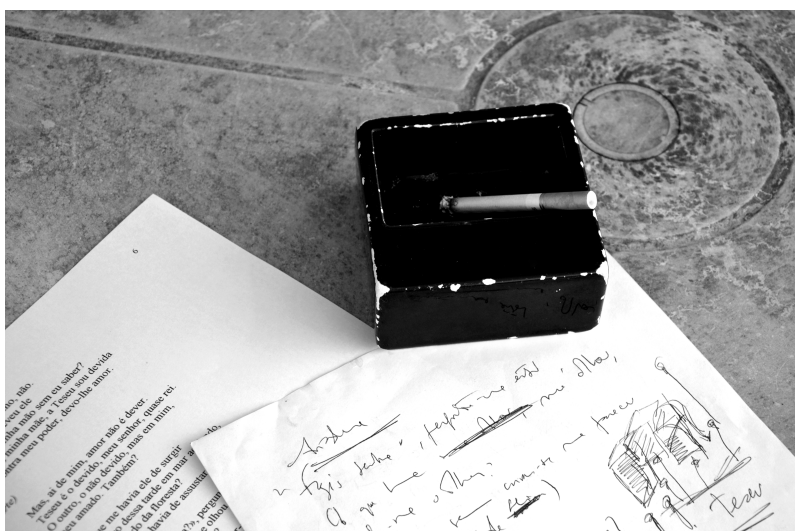
>>

nam bem visível que à ausência de alteração estrutural correspondem, no final, notórias modificações de ordem estética e diegética.

Agradecemos a Ana Luísa Amaral a cedência da versão original de *Próspero Morreu*, de onde retirámos o excerto transcrito, e à Editora Caminho a cedência de direitos de autor das páginas aqui reproduzidas a partir do livro editado em 2011.

354>355

>> Foto I



PRÓSPERO MORREU

POEMA em ACTO

Ana Luísa Amaral

>>

Para o **Paulo Eduardo**

ACTO ÚNICO

Uma ilha. Na ilha, uma fogueira. Ao lado da fogueira, três mulheres: Bárbara (a escrava), Penélope e Ariadne. Ao fundo, em lado esquerdo, Luiz. Mais atrás, escondido atrás de Luiz, Teseu. A um canto superior, escondido atrás de todos, Caliban. Do lado direito, à boca de cena, de máscara branca, Ariel.

A acção inicia-se com a alvorada e termina com o cair da noite.

Calíope, Clio e Érato —
É de manhã e sopra um
vento fino.
E as nuvens são.
Como nestes assuntos
sempre são

Calíope avança.

Calíope — Abriu na ilha a época de
Inverno
e Próspero morreu.

356>357

[...]

Helena — Tens muito fio, Ariadne?

Ariadne — Ainda me sobraram cinco
jardas,
irmã, que não lhas dei.
E ele não vai saber como sair
dali!

Helena — Mas... devorá-lo-á o
Minotauro! Deuses! Mãe!

Ariadne — E como se atreveu
a pedir minha mão sem eu
saber?
Foi falar com o rei e eu,
coitada,
hei-de ficar assim sem fazer
nada?!

Helena — Assim é co'a mulher.

Ariadne — Pois pode ser. Mas chega,
minha amiga!
E se de Tróia vens,
adivinhas
o quão sou virgem, casta...

[...]

Ariel É de manhã e sopra um
vento fino.
E as nuvens são. Como
nestes assuntos sempre são.
Abriu na ilha a época de
Inverno
e Próspero morreu.

*(Pausa. Um caixão fechado, presume-se
que com o corpo de Próspero, é trazido para
o palco, devagar)*

A vida assim o fez,
cativo a condição sublunar.

[...]

Penélope Tanto fio tens, Ariadne!

Ariadne Ainda me sobraram cinco
jardas,
mãe, que não lhas dei.
E ele não vai saber como sair
dali!

Penélope Mas... devorá-lo-á o
Minotauro, deuses meus!
O que foste fazer, tão
insensata?

Ariadne E como se atreveu
a pedir minha mão sem me
dizer?
Foi falar com o rei e eu,
coitada,
não faço nada, mãe?!

Penélope Mas, minha filha,
assim parece ser com a
mulher.

[...]

Ariadne *(dirigindo-se a Penélope)*

Barbara — De quem falais? Quem é esse Ariel?
E quem é Caliban?

Helena — São coisas meio elas, meio eles,
seres de sangue e de pele e,
todavia,
nem de sangue nem pele,
mas de ousadia maior que Prometeu.
Estranhos seres, seres dos outros diferentes

Barbara — Mas são eles igual àquele luso
(herdeiro de meu amo e meu senhor),
esse que um dia e séculos daqui,
repetirá dizendo o que sentir,
quadruplicando-se sem se repetir?

[...]

Teseu — Como pude sair daquele inferno?
Os deuses foram meu auxílio eterno.
E o labirinto era pior que inferno,
Lodoso, muito informe,
horror dos tempos roucos.

(*Vê Ariadne*)

Ah, meu amor,
que me és a recompensa
do que longo sofri tão longamente.
Agora, sê meu justo repouso
de guerreiro,
leveza minha de suaves penas.

Quem é esta figura que assim fala
e parece saber das vidas todas?

Penélope É Ariel.

Ariadne Mas de si própria fala...
E quem é Ariel, que não tem rosto?

Penélope É coisa meio ela, meio ele,
ser de sangue e de pele e,
todavia,
nem de sangue nem pele,
mas de ousadia maior que Prometeu.
É fantasia, mais real que sonho,
é sonho desprendido do sono e da corrente
por onde passam sonhos,
ser de vigília e noite.
Estranho ser, ser dos outros diferentes.

>>

[...]

Teseu Como pude sair daquele inferno?
Não foi graças ao fio que ela desenrolara,
que ainda cinco jardas me faltavam
para poder sair desse terror.
Deve ter sido um erro de Ariadne,
que não viu que era curto aquele fio.
Foram-me os deuses o auxílio eterno.
E o labirinto era pior que Inverno,
horror dos tempos roucos.

[...]

Ariadne (aparte)

— Direi o quê?
Ou falarei de quê?

Vai perguntar-me se eu
tenho alguma coisa
e eu responderei,
sem palavras, que sim:

que as montanhas dispersas
são mais, cada vez mais,

358>359

[...]

(ou então o olfacto:
já não tido)

As lágrimas dispersas
como fios
e a minha mão na dele.
Vai perguntar-me se eu
tenho alguma coisa
E eu responderei,
sem palavras,
que sim.

E ele sossegará.

Teseu — Tudo está bem, Ariadne?
Alguma coisa tendes?

Ariadne — Meu senhor, meu senhor,
tudo está bem. Só as pétalas
não,
que o cheiro lhes fugiu.

Teseu — Brincais, decerto. Vinde.
Que a vossa mão se esconda
assim na minha.
Eu sei como me amais.
Eu sei. Eu sei.

Ariadne (*aparte*)

Direi o quê?
Ou falarei de quê?

Vai perguntar-me se tenho
alguma coisa
e eu responderei,
sem palavras, que sim:
que as montanhas dispersas
podem ameaçar tornar-se
mais,
que o amor: só pétala
pequena
perdendo o próprio cheiro
(ou então o olfacto:
já não tido)

As lágrimas dispersas
como fios
e a minha mão na dele.
Vai perguntar-me se tenho
alguma coisa
e eu responderei,
sem palavras, que sim.

E ele sossegará

Teseu Tudo está bem, Ariadne?
Alguma coisa tendes?

Ariadne Tudo está bem, senhor,
Só as pétalas não,
que o cheiro lhes fugiu.

Teseu Brincais, decerto. Vinde.
Que a vossa mão se esconda
assim na minha.
Eu sei quanto me amais.

(*Abraça Ariadne*)

Ariadne — Mas nem tudo, senhor...

Teseu — Dizeis...? Tudo está bem.
Voltou o meu sossego.
E então agora,
que o monstro se escapou
no labirinto.
Mas eu, valente e ágil,
zás daqui,
e mais zás dacolá,
com minha espada
e meu mais fiel escudo,
espantei-o!
E ele fugiu, para sítio lodoso
e muito informe.
E vós sois minha, como
sempre fostes.

Ariadne — De vós aqui me tendes.

(Aparte)

Não, não de vós. Mas dele.
Ou entre vós e ele.

Ariadne Mas nem tudo, senhor...
Nada está bem.

Teseu Dizeis...? Tudo está bem.
Voltou o meu sossego.
De onde escapei,
lá estava Minotauro
e labirinto.
Mas eu matei-o!
E ele, em morte, fugiu,
para sítio lodoso e muito
informe.
E vós sois minha, como
sempre fostes.

Ariadne *(aparte)*

Porém, não só de vós, mas
também dele.
Ou entre vós e ele. Um
intermédio,
Um pesado intervalo,
é o que eu sou.

As falas de Teseu
sinto-as em nada
se as peso ao lado destas
que invento em Caliban.

>>

